

SOU ESCUDO, SOU LUZ

Meu querido Desporto,

Escrevo-te com a franqueza de quem te conhece desde o teu primeiro sopro de vida. Vi-te nascer na poeira de Olímpia e crescer entre aplausos, suor e sonhos. Foste puro, foste livre, foste maior do que a vitória. E eu, Ética, sempre caminhei a teu lado.

Mas ontem, quando te vi na televisão, quase não te reconheci. Tinhas uns olhos metálicos, cansados de uma vida postiça, e perguntei-me se ainda eras tu.

Eu sei que já és adulto e não me deves explicações, mas custa-me ver-te assim. É inevitável lembrar-me de ti quando eras pequeno e indefeso, com aqueles olhos ardentes cheios de esperança.

Nessa altura, não tinhas medo de nada e eu escondia-te atrás de mim, como uma mãe que se coloca entre o filho e o perigo. Sempre fui o teu escudo.

Fui o teu escudo quando quiseram transformar-te numa moeda de troca. Protegi-te da ganância que te queria vender como espetáculo desumanizante, onde os corpos eram máquinas e as almas, meros detalhes descartáveis. Quando a tentação de vencer a qualquer preço te sussurrava ao ouvido, fui eu que te lembrei: não basta ganhar — é preciso merecer.

Fui também a tua luz. Nos momentos em que te perdeste, quando a tua essência se escondeu debaixo de contratos e estatísticas, fui eu que iluminei o caminho de regresso à tua humanidade. Mostrei-te que cada gesto teu é uma lição para quem te observa — e tu, querido Desporto, tens os olhos do mundo postos em ti. És uma escola silenciosa de valores, mesmo sem querer sê-lo.

Mas, ultimamente, sinto-me esquecida outra vez. Tratas-me como uma regra velha e incómoda, uma burocracia para evitar castigos. Esqueces-te de que, sem mim, tu não és Desporto — és apenas corpo em movimento, vazio de sentido e alma. Sem mim, as tuas vitórias são troféus ociosos, medalhas falsas e heróis de papel. Sem mim, as tuas derrotas não ensinam nada. Sem mim, és só espetáculo.

Lembras-te de Roma? Quando me dispensaste, convencido de que já não precisavas de mim, transformaram-te num espetáculo cruel, onde os corpos eram lançados à arena como carne para a diversão de uma multidão sedenta de sangue. As tuas mãos, antes abertas em saudação, seguraram armas. O suor deu lugar ao sangue.

Reconheço que, sem mim, foste mais popular do que nunca — mas deixaste de ser Desporto. Foste apenas entretenimento selvagem.

E sabes o que mais me dói? Sem mim, deixas de ser luz para a sociedade e passas a ser apenas mais um na escuridão.

Lembra-te, meu querido, que comigo tu és farol na tempestade, és a luz que guia as próximas gerações.

As crianças imitam cada finta, cada salto, cada gesto teu. E eu pergunto: o que lhes vais ensinar, se me abandonares?

Eu sou a tua alma. O teu escudo. A tua luz.
E sem mim, meu querido Desporto, sobrevives.
Mas não vives.

Com esperança e alguma mágoa,
Tua eterna companheira,

Ética